

# RELAÇÃO ENTRE GESTANTES MENORES DE 20 ANOS E NASCIDOS VIVOS ABAIXO DO PESO EM SERGIPE NO PERÍODO DE 2018 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

XV Congresso Sergipano de Ginecologia e Obstetrícia, 1ª edição, de 12/09/2024 a 14/09/2024  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-122-6

ALVES; Anne Caroline Siqueira<sup>1</sup>, DIAS; Joanne Conceição Martins Aragão Costa<sup>2</sup>, MELO; Maysa Nogueira de Barros Melo<sup>3</sup>, FIGUEIROA; Laura Fabian de Andrade Dantas Costa<sup>4</sup>, FONTES; Nathália Teles Fontes<sup>5</sup>, BARBOSA; Anne Katherine Cruz Santos<sup>6</sup>

## RESUMO

Introdução A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública que vem aumentando significativamente, tanto no Brasil como no mundo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Essa fase da vida traz consigo muitas mudanças físicas e psicológicas para as meninas e, uma gestação, acarreta ainda mais mudanças nesse momento tão delicado. O perfil epidemiológico dessas gestantes já é bem conhecido: a maioria pertence às classes populares, de baixa renda e com fatores sociais de vulnerabilidade. Diante disso, a gravidez precoce é preocupante para a saúde pública pelos riscos que acarreta: pode elevar o risco de morte da mãe e do bebê, aumenta o risco de prematuridade, nascimento abaixo do peso, anemia, aborto espontâneo, eclâmpsia, depressão pós-parto, entre outros. Além disso, o baixo peso acarreta necessidade de assistência especializada e maiores cuidados no puerpério. Consequentemente, aumentam gastos públicos com assistência à saúde, além da ocorrência de outros impactos sociais importantes, como o abandono da escola pela adolescente e o agravamento da vulnerabilidade. Em termos estatísticos, no Brasil, observa-se que é crescente a proporção de partos entre as adolescentes em comparação com o total de partos realizados. Segundo dados do SUS relativos a 2000, dos 2,5 milhões de partos realizados nos hospitais públicos do país, 689 mil eram de mães adolescentes. Segundo dados oficiais do governo de Sergipe, em 2023, foram realizados cerca de cinco mil partos e destes, 523 foram em adolescentes, uma média de 44 partos por mês. Em relação ao ano de 2022, houve uma pequena redução, já que tiveram 575 partos. Diante disso, o estudo justifica-se por analisar a relação entre gestantes adolescentes e nascidos vivos abaixo do peso em Sergipe entre os anos de 2018 e 2022 e permitir que os diversos grupos sociais envolvidos nessa situação trabalhem de forma mais eficaz na redução dos problemas e na busca de soluções, utilizando as políticas e programas já estabelecidos para esse objetivo. Objetivo Analisar a relação entre gestantes menores de 20 anos e nascidos vivos abaixo do peso em Sergipe no período entre 2018 e 2022 Metodologia Trata-se de um estudo ecológico de série temporal, baseado em dados secundários coletados em Sergipe entre 2018 e 2022. Este tipo de pesquisa tem como objetivo analisar como uma doença ou condição de saúde se manifesta em um grupo específico de pessoas ao longo do tempo. A área de estudo foi Sergipe, Estado do Nordeste brasileiro, composto por 75 municípios. O estado de Sergipe corresponde a 0,26% do território brasileiro e abriga mais de 2,20 milhões de habitantes, o que representa 1,09% da população do país. Em termos de área territorial, é o vigésimo sexto maior estado, enquanto ocupa a vigésima segunda posição em contingente populacional entre os estados brasileiros. Os dados foram colhidos na base nacional do DATASUS, disponível no seguinte site: <https://datasus.saude.gov.br/>. Ele reúne e estrutura dados sobre as causas de doenças e óbitos no Brasil, utilizando informações dos Sistemas de Informação em Saúde nacionais. Durante a coleta de dados, os critérios a seguir foram levados em consideração: i) Unidade da Federação: Sergipe; ii) Nascidos Vivos; iii) Peso ao nascer; iv) Idade da mãe e v) Período: 2018-2022. Para realizar a comparação de nascidos vivos abaixo de 2500g

<sup>1</sup> UNIT, anne39546@gmail.com  
<sup>2</sup> UNIT, joannedias4@gmail.com  
<sup>3</sup> UNIT, maysa.nogueira@souunit.com.br  
<sup>4</sup> UNIT, laurafabian.ga@hotmail.com  
<sup>5</sup> UNIT, natateles10@hotmail.com  
<sup>6</sup> UNIT, katherineaju18@gmail.com

entre mulheres de 10 a 19 anos e 20 a 64 anos, calculou-se as frequências relativas entre o número de nascidos vivos abaixo do peso pelo total de nascidos vivos segundo as faixas etárias. Em relação aos aspectos éticos e legais, este estudo não exigiu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) porque utilizou dados de domínio público, conforme estabelecido pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Resultados/Discussão Entre os anos 2018 e 2022 no estado de Sergipe, registrou-se 158.467 nascidos vivos. Desses, 26.484 nasceram de mulheres na faixa etária entre 10 e 19 anos e os outros 131.983 de mulheres na faixa etária entre 20 a 64 anos. Tendo em vista a relação da idade da mãe e a classificação quanto ao peso de nascimento, pôde-se visualizar que 8,4% dos nascidos vivos desse período de mulheres entre 10 e 19 anos nasceram com menos de 2500g (1.500 a 2.499 g), ou seja, com baixo peso ao nascer. Enquanto, entre as mulheres de 20 a 64 anos, foi 6,5% o número de nascidos com baixo peso. Logo, percebe-se um número maior de nascidos com baixo peso entre meninas de 10 a 19 anos quando comparado ao número entre mulheres de 20 a 64 anos. Além disso, 0,89% dos nascidos vivos de mulheres entre 10 e 19 anos nasceram com menos de 1500g (1.000 a 1.499 g), ou seja, com muito baixo peso ao nascer. Enquanto, entre os nascidos vivos de mulheres de 20 a 64 anos, 0,76% estavam dentro dessa classificação. Isto é, os nascidos com muito baixo peso também prevalecem entre as mães menores de 20 anos. Por fim, em relação aos nascidos com extremo baixo peso ao nascer, 0,9% são filhos de mulheres entre 10 a 19 anos e 0,75% filhos de mulheres entre 20 a 64 anos. Isso revela, novamente, uma maior proporção de nascidos com extremo baixo peso entre as mães adolescentes. Esses achados podem estar ligados à imaturidade biológica da mãe, que pode causar complicações gestacionais favorecendo o nascimento de recém-nascidos com baixo peso, além de estarem associados à falta de planejamento da gravidez. Esse último fator pode ser atribuído à imaturidade psicológica e à falta de preparo emocional, à reação negativa dos pais, à ausência de apoio à gestante e ao baixo nível socioeconômico, que está ligado a condições precárias de saúde e educação. E, infelizmente, a ocorrência de gravidez indesejada está associada a um cuidado pré-natal inadequado. Sendo assim, as adolescentes fazem menos uso de ácido fólico, apresentam menores taxas de início e de duração do aleitamento materno e têm filhos com saúde inferior quando comparadas às jovens adultas. Ademais, a maioria das adolescentes consome muitos alimentos ultraprocessados e poucos alimentos in natura ou minimamente processados, o que resulta em deficiências nutricionais, especialmente de vitaminas A, E, D, C e dos minerais cálcio, fósforo e magnésio e, consequentemente, no nascimento de nascido vivo abaixo do peso, tendo em vista que há uma associação bem estabelecida entre as deficiências de vitaminas A e D e o baixo peso ao nascer. Os recém-nascidos com baixo peso ao nascer apresentam maiores riscos de déficit no processo de crescimento e desenvolvimento, por meio de distúrbios orgânicos, cognitivos e psicossociais, além do grande impacto na morbidade e mortalidade neonatal. Também pode ocorrer um maior número de intercorrências e readmissões hospitalares entre essas crianças, principalmente no primeiro ano de vida. Ademais, as estratégias para recuperação do peso do lactente em curto espaço de tempo pode gerar uma maior ocorrência de obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes e síndrome metabólica a partir da adolescência. Conclusão Portanto, avaliar quantitativamente esse expressivo problema de saúde pública no estado de Sergipe é muito importante, pois permite que os serviços de saúde promovam medidas efetivas de prevenção e assistência a essas gestantes, como forma de minimizar as mortalidades e os outros prejuízos provocados pelo baixo peso de um recém-nascido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gravidez na adolescência, Nascidos vivos, Peso ao nascer

<sup>1</sup> UNIT, anne39546@gmail.com

<sup>2</sup> UNIT, joannedias4@gmail.com

<sup>3</sup> UNIT, maysa.nogueira@souunit.com.br

<sup>4</sup> UNIT, laurafabian.ga@hotmail.com

<sup>5</sup> UNIT, natateles10@hotmail.com

<sup>6</sup> UNIT, katherineaju18@gmail.com